

A BATALHA

Os operários na actual situação económica têm, para não caírem na pior das servidões, de se congregarem em volta dos sindicatos

Do Sindicato Unico da Construção Civil de Lamego recebemos um officio no qual se nos comunica que, dentro em breve, surgirão, naquela cidade, bandos de operários da Construção Civil vindos do Minho, dispostos a trabalhar durante um número ilimitado de horas por um salário irrisório.

Nesse officio os operários de Lamego protestam contra a concorrência desleal que os operários do Minho lhe veem fazer—concorrência que os pode forçar à miséria ou à aceitação de condições de trabalho vexatórias e humilhantes.

Escusado será dizer-se que aos operários de Lamego assiste toda a razão no seu protesto. Mas, reconhecer-lhe que está de posse da razão não é tudo, visto que as afirmações platónicas estão longe de poder substituir as decisões que venham a tomar-se no intuito de acabar com um facto, desde que as consequências dêste se ofereçam revestidas duma certa gravidade.

A crise de trabalho é um problema grave e na mão do proletariado está o poder de a atenuar ou de a agravar. A deslocação em massa de operários feita ao acaso, obedecendo a um impulso instintivo longe de ser um bem é um mal—um mal cujo proveito é seguro, é incalculável para os tradicionais inimigos do proletariado que são todos aqueles que o exploram.

Em primeiro lugar a crise de trabalho é mais fictícia do que real e tendo servido, às mil maravilhas, para os industriais levarem a cabo tentativas de aumento de horas de trabalho e de redução de salários. Verifica-se que existem muitas terras onde se trabalha 10, 12 e 14 horas, apesar de nelas ser considerável a legião dos que se encontram desocupados. Dêste facto se conclui, sem ser necessário fazer grandes conjeturas mentais, que a crise de trabalho tem sido bastante provocada pela inconsciência revelada por certos operários que prestando-se submissamente a tirar as 8 horas de trabalho, ca-

vam a sua ruína, por suas próprias mãos.

Torna-se urgente que, neste momento excepcionalmente grave, todos os operários se unam agremiando-se dentro dos sindicatos, visto que só congregando-se nesses organismos podem enfrentar as graves ameaças económicas da hora que passa. Só por meio dessa união se pode fazer face à grande ofensiva que as classes patronais desencadearam impiedosamente sobre as classes trabalhadoras.

Os organismos operários têm de ser robustecidos—e esse robustecimento só se pode fazer com o concurso das massas operárias. Neste momento, um operário que volte as costas ao seu sindicato lava com esse gesto de inconsciência, de indiferença ou de má camaradagem, uma sentença em que se condena, a si e a sua família, à miséria e à fome.

A crise de trabalho não é, infelizmente, um fenómeno que tenha localidade numa determinada terra; atingiu todas as terras, sente-se em toda a parte... De modo que as deslocações em massa de operários dumas terras para outras são um erro, um erro que prejudica todos os operários: os que se deslocaaram e os que com esse impensado e insensato gesto vieram estabelecer, para gáudio de todos os patrões, para gáudio de todos os exploradores, portanto, uma torva concorrência entre operários, torva concorrência que não atenua a crise de trabalho e permite o redobramento da exploração burguesa.

A deslocação de operários é a miséria fazendo concorrência à miséria, estabelecendo entre trabalhadores inimicidades e ódios e prejuízos que só dão vantagem ao inimigo comum: o capitalista. Os operários do Minho a que nos referimos, ao iniciarmos estas considerações vão praticar um gesto que os transforma nos melhores e mais poderosos instrumentos de que os patrões podem lançar mão para reduzir o operariado à pior das servidões.

PARA ONDE CAMINHA A FRANÇA?

O sr. Herriot foi governar para servir a alta finança

PARIS, 22.—Depois do sr. Herriot, fez uso da palavra o ministro das finanças, sr. Monzie, que demonstrou a gravíssima situação financeira, confirmando a necessidade de autorizar o Banco de França a consignar ao governo o fundo Morgan a fim de poder fazer face aos seus pagamentos.

O sr. Monzie foi vivamente interrompido pelo sr. Briand, que recebeu calorosos aplausos.

Depois dum longo e agitado debate, foi rejeitada a moção de confiança ao novo governo, por 294 contra 237 votos.

O sr. Herriot apresentou seguidamente a demissão do seu gabinete ao presidente Doumergue, que a aceitou.—(L)

E os parlamentares não se furtaram à culpabilidade
PARIS, 22.—As duas câmaras passaram a noite a discutir a autorização pedida pelo sr. Monzie, para o Estado se utilizar do fundo Morgan, à ordem do Banco de França, na importância de 33 milhões de dólares, o que foi votado por 275 contra 195.—(L)

Os banqueiros, porém, vão receber a parte de leão
PARIS, 22.—Os círculos financeiros foram hoje impressionados por vários factos, como a queda do governo e a utilização do fundo de Morgan. Como simultaneamente com a utilização do empréstimo Morgan é autorizado o aumento da circulação fiduciária em igual quantia, a libra cotou-se esta manhã a 225 francos.—(L)

Uma opinião igual à dos proprios adversários
PARIS, 22.—Os fascistas franceses, os ex-combatentes e os produtores publicaram uma proclamação declarando-se prontos a assumir a responsabilidade da política económica e social, a fim de se poder salvar a França da catástrofe iminente.—(L)

Uma scena de máfia para impressionar o publico
PARIS, 22.—Duzentos e trinta deputados de todos os grupos, excepto os da extrema direita, socialistas e comunistas dirigiram ao presidente da República um manifesto a favor dum governo de salvação pública por uma união nacional.—(L)

Terá chegado, agora, a vez dos reaccionários?
PARIS, 22.—O sr. Poincaré foi chamado

ao Eliseu, sendo encarregado de organizar ministério.

O sr. Poincaré iniciou esta manhã as suas diligências para a formação do novo gabinete, cujo encargo aceitou em principio, tendo conferenciado com os «leaders» de vários agrupamentos políticos. Os jornais dizem que do novo gabinete devem fazer parte os srs. Briand, Tardieu e Barroul.—(L)

Assinem Os mistérios do Povo

Querem o quinto do plano? Talvez venham os quintos do inferno...

Assinem Os mistérios do Povo

Assinem Os mistérios do Povo

Assinem Os mistérios do Povo

SACCO E VANZETTI

A acção incisiva do protesto internacional

Ao tornar-se eminente a confirmação da sentença que decidia da sorte de Sacco e Vanzetti tomou incremento o protesto internacional contra o assassinato jurídico em premeditação.

O proletariado italiano tomou um lugar importante no movimento de protesto. As organizações metalúrgicas de Génova enviaram ao embaixador americano uma moção de protesto contra a sentença condenatória de que a classe burguesa se iria servir para suprimir dois elementos sinceros do operariado, inocentes da acusação que lhes é imputada. Igualmente, o partido comunista se reuniu para levar ao movimento as organizações sindicais de sua orientação e para apelar para a adesão dos pequenos burgueses da esquerda. Os operários e outras inúmeras pessoas da cidade de Palmi, Calábria, protestaram, em telegrama enviado ao embaixador americano, contra a execução das duas vítimas de uma falsa justiça. Na fábrica de vinhos de Fegino, próximo de Génova, reuniram-se os operários de todas as convicções, que aprovaram um telegrama de protesto enérgico ao referido embaixador. Os operários de Savona enviaram também um telegrama de protesto, associando-se ao protesto todas as organizações da esquerda social e burguesa. Em Turim e em Coma, foram tomadas resoluções análogas.

A campanha de protesto em França interessou vivamente a classe operária.

Na Alemanha, aderiram ao protesto inúmeros políticos burgueses e sociais democratas, tendo o próprio presidente do Reichstag dirigido ao governador do estado de Massachusetts um telegrama solicitando a revisão do processo.

No Canadá, uma assembleia popular da cidade de Calgare determinou o envio de um telegrama de protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti e exigindo a sua imediata libertação.

Manipuladores de Pão de Santarém

Em assembleia geral, esta classe afirmou o seu protesto contra a sentença que ameaça as vidas de Sacco e Vanzetti, decidindo levar esse protesto junto do ministro da América em Lisboa.

Um grupo de operários do Fuzeta

Os operários de Fuzeta, Alvaro Gouveia, Alfredo Bruno, António Guilherme, José Gouveia, Francisco Bom, João Quintino, Francisco Andrade, Carlos e Joaquim Romão enviaram à legação dos Estados Unidos um sentido protesto contra a sentença decretada a Sacco e Vanzetti.

Canteiros e Polidores de Mármore

A assembleia geral desta secção da construção civil resolveu reclamar a anulação da sentença e a liberdade de Sacco e Vanzetti, enviando neste sentido um officio ao ministro da América.

GUARDA, 20. — Em reunião de assembleia geral do Sindicato Unico da Construção Civil, desta cidade, foi largamente apreciada a situação angustiosa em que se encontram Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, tendo usado da palavra Ernesto Pereira e Damiano Ferreira da Silva que, em discursos vibrantes, flagelaram a dupla iniquidade praticada pela justiça norte-americana.

No final, foi resolvido, por unanimidade, enviar um officio de protesto ao representante diplomático da América do Norte em Portugal.

Em reunião da comissão administrativa da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais foi deliberado enviar um protesto ao cônsul da América do Norte, em Lisboa, contra a confirmação da sentença que condenou à morte Sacco e Vanzetti.

Resolveu, também, levar este assunto à apreciação da próxima assembleia geral que se realiza na próxima segunda-feira, pelas 21 horas.

Os grandes planos de um vereador

Agora, sim, senhores: Lisboa vai ficar à altura das capitais mais civilizadas deste mundo. Para todas as obras de progresso exige-se dinheiro, muito dinheiro. E o dinheiro virá, em catadupas de cédulas. O engenhoso plano é da autoria do sr. Baptista Gomes, do pelouro municipal de jardins e cemitérios. Fazemos a simples enunciação do formoso plano:

I—No relvado do Campo Grande não poderão mais acomodar-se ranchos com merendas, porque muita gente a comer e a beber dá ao parque um aspecto desagradável.

II—Mas no Parque Silva Porto existe um sitio muito bonito, muito bom e muito próprio para que os ranchos com merendas se divirtam, comam e bebam, pagando, à entrada, a *trissória* quantia de 20 centavos por cada pessoa, exceptuando as crianças até 7 anos, o que permitirá uma apreciável economia às famílias numerosas.

III—A receita que este sistema admiravelmente produziria seria aumentada formidavelmente com o despedimento de parte do pessoal dos jardins. E o melhor argumento para comprovar a razão dêste despedimento foi o facto de o grande vereador ter visto, no parque Eduardo VII, um guarda surdo e cego a fumar junto de uma meda de palha. Sabendo-se que a água falta todos os dias, pode-se avaliar as proporções de um novo incêndio, à maneira de Roma, porém, sem a presença indispensável de um Nero.

IV—Como há excesso no número de guardas e rondistas, vão ser despedidos 40 guardas e 17 informadores, assim se obtendo uma economia mensal de 12 contos—e tudo o mais são histórias.

Querem o quinto do plano? Talvez venham os quintos do inferno...

Assinem Os mistérios do Povo

Assinem Os mistérios do Povo

Assinem Os mistérios do Povo

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

Considerações a propósito dum trabalho da dr.ª sr.ª Aurora de Castro

Sem qualquer intuito de desconsideração para com a sua autora, para nós merecedora de todo o respeito pelo interesse que manifesta pelos magnos problemas da educação, tomamos a liberdade de fazer alguns reparos ao estudo publicado, recentemente, pela revista de pedagogia e sociologia «Educação Social» sob o título de «Influência da Educação na Vida Psicológica», de autoria da dr.ª Aurora de Castro; e que, em seguida, foi, em parte, transcrito pelo jornal *A Batalha*.

Abstraindo-nos, está claro, de apreciar no seu conjunto esse trabalho, cheio de erudição, e tratando de assuntos a cujo estudo nós não temos particularmente dedicado, pretendemos simplesmente chamar a atenção da sua autora para alguns pontos que, quanto a nós, estão em absoluta contradição com ideias e princípios por ela próprios defendidos nesse mesmo trabalho—e também, diga-se a verdade, em completo desacordo com a orientação pedagógica que até agora temos visto nas colunas da «Educação Social».

Achamos que, embora apresentando e defendendo conscienciosamente certos preceitos de grande elevação moral, a adoptar pelos educadores, para que das suas mãos saiam «indivíduos libertos dos próprios defeitos», a dr.ª Aurora de Castro advoga, e aceita, ao mesmo tempo, processos que jamais permitirão que seja realizável essa obra magnificente.

Assim nesse seu estudo diz ela que, para se poder combater eficazmente a presente greynegria social, é necessário tratar do problema da educação com «amor e altruísmo», a fim de se fazer brotar no «espírito da criança o amor pelos semelhantes», afirmando também que, para se conseguir este desiderato, é necessário que a criança aja «livremente, sem constrangimento nem coacções».

Ora, o que significam pois, num sistema de educação baseado nestes princípios, certas frases como: «autoridade do professor» e «submissão da criança»?

Na nossa opinião a significação de tais frases está absolutamente em contradição com os princípios atrás expostos, pois que à palavra autoridade liga toda a ideia de imposição, por meios violentos, duma determinada doutrina—falsa ou verdadeira—; e à palavra submissão a ideia de acatamento, por impossibilidade de resistir, a uma ordem dimanada doutrem, que também pode ser justa ou injusta; e com tais processos educativos, por sua essência impeditores da manifestação dos sentimentos do «amor e altruísmo» e de toda a acção livre, sem constrangimentos nem coacções, não se poderá nunca chegar a formar indivíduos «libertos dos próprios defeitos», mas sim escravos das piores paixões—as do mando e do autoritarismo.

Achamos por isso as frases a que acima nos referimos—e que serão perfeitadas da melhor vontade pelos mais ferozes reaccionários inimigos do progresso e do aperfeiçoamento humano—perfeitamente em antagonismo com a finalidade que pretende atingir pela educação, a dr.ª Aurora de Castro, estranhando, por conseguinte, vê-la defender tal doutrina; ao mesmo tempo que declara querer destruir as suas perniciosas consequências.

Sendo o móbil de todas as acções humanas a fuga a uma dor e a busca dum prazer e como muitas vezes um prazer imediato é causador de grandes desgostos futuros, ou é obtido à custa de sofrimentos dos nossos semelhantes, a verdadeira educação humana deve consistir em esclarecer e orientar—baseando-se na lição dos factos, o espírito de cada indivíduo, de forma que ele saiba fugir conscienciosamente aquilo que a ele ou aos outros homens possa causar sofrimentos e procurar o que a ele ou aos outros possa dar felicidade.

Ora, para se conseguir este desiderato «sem constrangimentos nem coacções», é preciso que a criança, desde os primeiros momentos, se convença de que a única preocupação dos seus educadores é evitar-lhe os desgostos, e proporcionar-lhe alegrias; e, está claro, só se consegue despertar esta convicção com factos bem patentes, e não com apelos ao respeito pela autoridade do professor e ao dever da obediência.

Seja em que condições for, o castigo—corolário da ideia de autoridade e de obediência, e de efeitos imediatos e seguros só para aqueles que dispõem da força contra a rebeldia doutros mais fracos—é sempre um factor de desmoralização.

Se a criança se convence de que é elle feito injustamente, enche-se no seu intimo de dolo contra quem lho applicou, sem razão, e de inveja para com os que supõe ser mais favorecidos pela benevolência dos mestres; e, em tais condições, não poderão nunca brotar os generosos sentimentos do «amor e do altruísmo».

Mas se o educando acha, ao contrário, que o castigo que lhe foi applicado é justo, as consequências futuras de ordem moral não são tão poucas e desastrosas.

Se o educando se convence, com a dialectica do professor, de que merece uns determinados castigos, vai-se formando, inevitavelmente, no seu espirito a falsa e perigosa ideia de que, quando se tem razão, e se dispõe de força suficiente, há o direito de impor a outrem uma determinada conduta, recorrendo-se à violência, se tanto for necessário. E a criança assim educada, se, por acaso, no futuro vier a ocupar qualquer situação de predomínio sobre outras pessoas, sentir-se-á com o direito de lhe impor, violentamente, as ideias que considere razoáveis, e que, no entanto, podem ser muito disparatadas, visto que ninguém é infalível.

Em tais circunstâncias, ter-se-á—em pequena ou grande escala—um novo tirano e um novo opressor, de cujos crimes são inteiramente responsáveis aqueles que lhe formaram tal mentalidade.

Não! o castigo, a autoridade e a obediência só podem servir para criar almas

de déspotas e de escravos, e nunca «homens livres dos seus próprios defeitos».

Para se atingir este objectivo, é preciso enveredar por outro caminho. É necessário aproveitar conscienciosamente aquela amizade que, afirma a dr.ª Aurora de Castro, tem a criança, por interesse, por seus pais e irmãos, e que terá, fatalmente, pelos seus professores, se estes se souberem integrar, condignamente, no seu papel.

A criança que está acostumada a vêr a sua volta manifestações de simpatia e rostos alegres e risonhos, afeiçoar-se-lhes de veras, e sente-se logo impressionada com os sinais de descontentamento e de tristeza manifestados por aqueles com quem convive.

Já vimos mães que, na impossibilidade de vencer, em certas ocasiões, pela violência, a teimosia de seus filhos, só os conseguem domar, fingindo um choro aflitivo. Ora é esta tecla do sentimento que é preciso, e que unicamente se deve fazer vibrar, para se conseguir formar seres morais e sociais.

Compete, pois, ao educador procurar, em primeiro lugar, que a criança lhe ganhe uma afeição sincera—o que, está claro, só é possível com provas de bondade e de ternura—e, em seguida, prestar sempre toda a atenção aos actos por ela praticados, manifestando-lhe, quando eles sejam de qualquer modo prejudiciais, que se sente magoado e descontente com a sua conduta.

Em tais circunstâncias, afirmamos, baseando-nos em factos por nós observados, que a criança procurará não nos desagradar.

É possível que se diga que tal procedimento é também uma espécie de castigo, visto que procuramos *afegir* a criança com a exteriorização duma dor, verdadeira ou fantasiada, para a impedir de praticar certas acções.

Para não perdemos o tempo a discutir à volta de palavras, não lhe contestamos o nome; simplesmente, o que afirmamos é que tal castigo, ao contrário de todos os outros, é de consequências moralizadoras, visto acostumar a criança a considerar, antes de agir, se irá ou não com o seu procedimento causar desgostos ou aborrecimentos aos que a rodeiam.

A. BOTELHO

Os escritores, os filósofos e os homens de sciência contra a mentira e a depravação da religião católica

«A existência de Deus implica a abdicção da razão e da justiça humanas; é a negação da nossa liberdade, levando necessariamente a uma escravatura, não só teórica mas prática». — Bakunine, «Oeuvres», 3.ª ed., pag. 64.

«Assim, cada um vendeu o seu Deus. Roma vendeu a religião e a mulher vendeu a religião doméstica». — Idem, idem, pag. 58.

«Ouço ainda um velho mestre que, há trinta annos, numa cidade onde se contestava fortemente a existência da escola nova, dizia aos seus alunos:—O que é um laico? Um laico, meus filhos, é cada um de vós; é vossa pai, é vossa mãe, são os vossos professores e professoras, são todos os homens, todas as mulheres, de idades diversas e condições diferentes, entre as quais viveis e cuja actividade, nos seus múltiplos aspectos, é um dos elementos primordiais da vida da nação».

Não pensam todos da mesma maneira, nem em politica nem em religião; não têm os mesmos modos de ver nem os mesmos modos de sentir; uns são ricos, outros pobres, uns são fortes, outros fracos; rivalidades os dividem; o antagonismo de interesses os perturba e lança, às vezes, em lutas bem ardentes; entretanto, fazem todos parte duma mesma grande família; pertencem à mesma nação; têm, assim, direitos e deveres comuns, o primeiro dos quais é respeitar nos outros a sua própria liberdade». — A. Dessoye, «Défense Laïque», pag. 309—Paris, 1913.

«... A opinião pública meetinga contra os jesuítas, que, expulsos violentamente da República Francesa, penetraram a pouco e pouco em Portugal, comprando palácios, fundando escolas e instituindo colégios. A educação da infância foi sempre o cano por via do qual esses bons servos de Deus se introduziram e se localizaram no dominio da família e na direcção da sociedade, porque a verdade é que ninguém mais—uma vez dado o ensino dogmático na instrução pública dum país—possui, como a Companhia de Jesus, o segredo pedagógico de mais rapidamente estirar as orelhas de um jovem pecador até fazer de um bravo rapaz um bestificado bacharel».

Por essa razão, todos aqueles que, até hoje, teem desalojado o jesuita da sua influência sobre um povo, começaram sempre por abolir o dogmatismo no ensino, reformando a instrução em bases experimentais e scientificas». — Ramalho Ortigão, Farpas, vol. VIII, pag. 276.

«Ao mesmo tempo vai-se-lhe ensinando (à rapariga portuguesa) o catecismo e a doutrina. E a educação moral».

A pequerrucha aprende a resignar-se, a ajoelhar com gravidade, a recitar o *padre-nosso*. Depois, seguidamente, decora todas as orações da cartilha. E termina por papaguear a doutrina correntemente, de cór e saltado, como a taboada ou as capitais da Europa, mas sem a menor compreensão, sem ligar uma ideia às palavras mortas, sentindo através delas um certo terror, porque se trata de Deus e, segundo lhe ensinam, é Deus quem manda as trovoadas, as doenças e a morte... O que se lhe ensina, porém, no catecismo? Uma série de fórmulas e de palavras combinadas, cujo sentido lhe é tão estranho como uma lingua ignorada.

... A religião de que tanto fala e que

Ora é esta mentalidade que precisamente se necessita de criar, porque, se todos, antes de tomarem qualquer resolução, tivessem primeiro em consideração as dores e os sofrimentos que os seus actos aos outros poderão ir causar, certamente que muito diferente seria a sorte da humanidade.

Bem sabemos que há crianças rebeldes a todos os conselhos e exortações dos seus pais e professores—como as que mexem na luz, a pesar dos avisos da mãe—mas para essas entendemos que, em vez de se lhes apontar, por exemplo, as queimaduras como um castigo, se deve aproveitar, essas e outros casos idênticos, para os fazer convencer de que toda a acção, que junto dela desenvolvem os seus educadores, é com o fim de lhes evitar desgostos, e preparar alegrias; e que, portanto, são eles os principais interessados em escutar e seguir as suas palavras, pois que, de contrário, serão prejudicados.

Esta forma de educação, que acima defendemos, exige pois não só da parte do professor uma paciência ilimitada, que nem todos possuem, mas, sobretudo, uma intensa aspiração a uma vida mais pura e mais perfeita, a qual, estamos convencidos, só excepcionalmente se manifestará dentro do egoísmo da actual organização social, baseada no antagonismo dos interesses.

Porisso, mais do que de reformas, o que se necessita, principalmente, é criar condições de vida tais que o professor não vá tirar o seu curso com a mira na remuneração, mas impulsionado unicamente pela paixão do ensino e do aperfeiçoamento do ser humano.

Essa paixão, quanto a nós, só poderá resurgir em toda a sua pujança duma nova estrutura social, mais em harmonia com a felicidade e o bem-estar geral; e é por esse motivo que, embora vejamos com a maior das simpatias todos os esforços feitos neste sentido, nós não esperamos a educação a solução imediata da questão social, mas subordinamos a sua acção eficaz e utilitária a uma transformação preliminar das bases autoritárias e individualistas da actual sociedade.

A. BOTELHO

Os escritores, os filósofos e os homens de sciência contra a mentira e a depravação da religião católica

tanto usa, aos domingos, na Igreja, e à sexta-feira, na cozinha, não lhe serve muito mais do que a um canário ou a uma rôla... A moral está-se transformando... a fé já não existe... —Eça de Queiroz, «Uma campanha alegre», vol. II, pag. 151.

«A religião ficou sendo um artigo da moda. Expulsa da consciência liberal, as burguesas enriquecidas tomaram-na sob a sua protecção: e gostam igualmente que as suas parselas sejam vistas à porta da *Marie* e à porta dos *Inglesinhos*. Aceitam Deus como um *chic*. Nos templos mesmo a religião caiu em descrédito. Ser padre não é uma convicção, é um officio; o sacerdote vê e ora na proporção da cóngrua». — Idem, vol. I, pag. 17.

«Na embriaguez das teorias deixai-me, para sempre, o sacrifício, a intimidade, a felicidade do coração, a santidade do juramento, a pessoa moral, a pedra do lar, a família».

«Esta Jerusalém celeste desaba no abismo; não alguma a poderá sustentar». — Ed. Quinet.

«A escola não pode ser confessional, porque a sciência e a sociedade deixaram de ser». — G. Seailles, «Education ou Révolution», pag. 21.

«Apresentam-nos às vezes, a nós, professores laicos, como materialistas grosseiros, limitando-nos a ensinar uma sciência fria e positiva, chegando mesmo a afirmar que lhes dizemos não haver realidade senão a que cal sob os nossos sentidos imperfeitos... E conhecer-nos bem mal sem dúvida que nós não apresentamos como verdade senão o que é verdadeiro. Só afirmamos o que a razão nos permite afirmar, mas, sem nos desprendermos do espirito científico que é a nossa regra, põmos ao espirito da criança, e sobretudo dos adultos que venham pedir-nos luz, todos os problemas que se põem à humanidade em geral, mesmo o religioso...» — L. Dessaint, «Pages de Pédagogie Pratique», pag. 132.

«... A religião é... um resto da infância da humanidade. Avança ainda mais e digo que a religião é uma doença causada pela imperfeição do nosso organismo pensante—um dos característicos da limitação do nosso ser». — Max Nordau, «Mentiras Conventuais», vol. I, pag. 42 (tradução portuguesa).

«Um dos motivos secundários da persistência do sentimento religioso, a despeito da emancipação moderna, é a natural cobardia do homem». — Idem, idem, pag. 57.

«No espirito do vulgo perverte-se a noção fundamental da imutabilidade das leis naturais, impondo-lhe a doutrina religiosa da intervenção do milagre, e apaga-se a dignidade moral...» — Teófilo Braga, «Revista Política», pag. 24.

«Por causa da divindade de Jesus, ligada à preponderância de Roma, as raças germânicas trucidaram-se». — Idem, «Lendas Cristãs», pag. 17.

«Os que exigem o retrocesso às fórmulas antigas, parecem-nos tão ridículos como aqueles que exigissem hoje, ao município, a colocação de nichos de santos nas azinhagas, para afastar o diabo...» — Palavras de Teófilo Braga no dia do seu 80.º

aniversário natalício. (Sede de 24 de Fevereiro de 1923).

«A terceira República lançou no espírito das crianças o gérmen revolucionário da instrução. Isto, porém, não bastou, e então dedicamo-nos a uma obra de anti-clericalismo, arrancando à alma do povo a crença na vida, as visões celestes irreais. Dissemos ao homem que descansa ao fim do dia, esmagado sob o trabalho diário e chorando a sua miséria — dissemos-lhe que não havia almas das nuvens que o seu olhar doloroso perseguia, senão quimeras celestes. «E, num magnífico gesto, apagámos, no céu, luzes que nunca mais se acenderão.» Viviani.

«Sim, é possível fundar-se a moral popular, tal como acabas de expor. A razão acabaria por ter razão... E a razão, que é o verdadeiro, é igualmente o bem, parece-me.» Jules Claretie, «La Morale sans Dieu», pag. 22.

«A ciência é a maior escola de moral que existe... Tem-se dito que as religiões fundaram a moral na humanidade. É um erro histórico... Na própria religião cristã, a moral só se introduziu em seguida ao ensino dos filósofos gregos: é um facto muitas vezes demonstrado... É sobretudo a ciência que se deve a ideia de solidariedade de homens entre si.» M. Berthelot, idem, pag. 28.

«A religião, pelas suas sanções no outro mundo, propõe aos seus adeptos o interesse como princípio de conduta. E o interesse é precisamente o contrário da moral.» Louis Havet, idem, pag. 38.

«A moral popular pode fundar-se unicamente sobre a razão, desde que, para este fim, se utilize o socialismo. Mas pode fundar-se actualmente? Sim.» E. Fournier, (Director da «Revue Socialiste»), idem, pag. 66.

«Temos já não só uma moral, mas sanções morais independentes dos dogmas religiosos... O direito, que é a sistematização da moral prática, é, na Europa, independente de toda a ideia confessional.» Anatole France, idem, pag. 63.

«Na idade Média, em que toda a gente estava convencida da realidade do Inferno e do Paraíso, a criminalidade era espantosa. E o ainda na Espanha, na Sicília e nos países mais católicos e menos esclarecidos.» Max Nordau, idem, pag. 70.

«O que há de bom, de verdadeiro e de justo nas religiões, é unicamente a parte da filosofia e da moral racional que elas encerram e que provém da nossa consciência... A ciência, que não destituiu nem o niuho das aves nem o coração das crianças, não destruiu também o coração das crianças.» Alfr. Fouille, idem, pag. 95 e 101.

«Um dia virá em que a humanidade não terá crença nas religiões: um dia em que ela conhecerá o mundo metafísico e moral, como conhece já o mundo físico; um dia em que o governo da humanidade não será mais entregue ao acaso e à intriga, mas à discussão racional do melhor e dos meios mais eficazes de o alcançar... Mas, dirão-nos, cumprirá a ciência estes maravilhosos destinos? Tudo o que sei é que se ela o não fizer, ninguém o faz, e a humanidade continuará sempre a ignorar a significação das coisas; porque a única maneira legítima de conhecer é por meio da ciência, e se as religiões conseguirem exercer, sobre a marcha da humanidade, uma influência salutar, foi unicamente porque nelas se encontrava, obscurecida e misturada, a ciência, isto é, exercício regular do espírito humano... A ciência não destruirá os sonhos do passado senão para pôr em seu lugar uma realidade mil vezes superior...»

«O mundo verdadeiro que a ciência nos revela é muito superior ao mundo fantástico, criado pela imaginação... Digamos, pois, sem receio que o maravilhoso da ficção pode, até aqui, parecer necessário à poesia, o maravilhoso da natureza, quando for revelado em todo o seu esplendor, constituirá uma poesia mil vezes mais sublime, uma poesia que será a própria realidade, ao mesmo tempo ciência e filosofia...»

«Não será permitido crer que o espírito humano, aprofundando cada vez mais a esfera metafísica e moral, aplicando-lhe o mais severo método, sem contemplação para com as quimeras e os sonhos desejáveis, se os há, não fará senão fechar um mundo estreito e mesquinho para abrir um outro de maravilhas infinitas.» E. Renan.

«Enganam-se os que vão para Deus, voltando as costas à natureza.» Prefácio dos «Pobres», de Raul Brandão, pag. 23.

«Quem não trabalha não tem direito à vida. Apelar para a justiça de Deus, como no 5.º acto dos dramas morais, é o supremo deboche, o supremo cinismo, porque é negar a justiça dos homens, mostrando que a sociedade é impotente para castigar os culpados.» G. Janquiere, «Morte de D. João», 1.ª ed., pag. 278.

«Essa crença é um erro, uma ilusão... Mas... Quem vos dá de acordar desse sonho? — Idem, p. 16.

«Mas caia embora o velho paraíso. Caia a fé, caia Deus, sendo preciso. Em nome do Direito e da Verdade.» «Musa em Férias», 1.ª ed., p. 212.

«O' Natureza, A única Bíblia verdadeira é tu! — Velhice do Padre Eterno», p. 142.

Lê o Suplemento de «A Batalha»

TIVOLI
Telefone 11-5474
A's 21 horas
O triunfo de Lagardère
Segunda e última jornada de
O CORCUNDA
Adaptação do romance de PAUL FEVAL
Max Linder
na América
COMEDIA EM 6 PARTES
Uma cine-farça
Uma cine revista
No máximo tem entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias.

VAMOS TER AGUA COM FARTURA...

Na sua reunião de ontem, a comissão administrativa do município, a-proposta da falta de higiene na cidade, considerou que as regras são muito necessárias para a conservação dos pavimentos das ruas. E decidiu, pois, que se proceda com urgência à execução dos projectos relativos à instalação de carácter permanente, de bacias para rega no lado oriental da praça do Terreiro do Paço, no Parque Eduardo VII, junto à Praça Marquês de Pombal, e no Póço dos Mouros, na rua Morais Soares, instalações abastecidas pelos mananciais já instalados no sub-solo da rua da Praia e dos citados locais, utilizando-se, para esse efeito, as bombas, motores cilíndricos, encanamentos e outros materiais que a Câmara possui, sem imediata utilização. A Câmara resolveu, igualmente, que o número desses bacias, em cada uma das referidas instalações seja proporcional à capacidade do respectivo manancial, e meios mecânicos disponíveis, e que, verificado o util funcionamento destas primeiras instalações, se estude a localização de outras, em conformidade com os recursos financeiros do município. Agora é que os lisboetas se vão desforrar volutuosamente da ditadura do sr. Carlos Pereira. Bastará que não passe de largo...

A Polónia de bem com todos

VARSOVIA, 22.—O ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Zalesky, falando na respectiva comissão da Dieta, declarou que a política polaca é absolutamente pacífica, e exprimiu a esperança de que a Sociedade das Nações se liberte da sua actual crise e admita a Polónia no seu conselho executivo. O ministro afirmou ainda que a Polónia mantém as melhores relações com a Itália e com a Santa Sé.

Uma mentira para o sacco

PRAGA, 22.—O ministério das Finanças desmente o boato segundo o qual a França teria pedido o imediato pagamento do material de guerra fornecido desde o armistício, e cujo valor se eleva aproximadamente a 10 milhões de dolares.—L.

Vendedores de Jornais

Em favor da sua Caixa de Solidariedade
E' o seguinte o programa das festas que a comissão de Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais realiza, no próximo domingo, em benefício do seu cofre:
A's 14 horas.—Desafio de futebol, entre as 2.ªs categorias do Foot-Ball Club Belga e um grupo composto de Vendedores de Jornais, para disputa dum objecto de arte.
A's 15.30.—Atletismo em que tomam parte os melhores pedestrianistas do «Vendedor de Jornais Foot-Ball Club», em corridas de 800, 1.500, 3.000 e 5.000 metros, estafetas de 4.407, 4.100 entre o Vendedor de Jornais Foot-Ball e Sporting Club de Portugal e o Club de Foot-Ball Os Belemenses.
A's 16.30.—Desafio de futebol entre as 1.ªs categorias do Onze Avenida e um grupo de vendedores de jornais para disputa de um bronze.
A's 18.30.—Desafio entre o sr. Marques Sardinha e Margarida Reis, dois grandes cantadores populares conhecidos especialmente no Norte, que a comissão conseguiu trazer à capital.

Pois que havia ela descobrir...
VARSOVIA, 22.—A policia politica descobriu em Krakau e Lemberg uma «organização comunista, principalmente constituída por estudantes, tendo sido efectuadas 500 prisões.—L.

Tudo de acordo...

LONDRES, 22.—O sr. Chamberlain, respondendo a uma interpegação na Câmara dos Comuns, desmentiu que a França tenha apresentado uma proposta contra o acordo italo-britânico relativo à Abissínia, o qual foi há dias comunicado ao Regente Tafari.—L.

OS QUE MORREM

Júlio Duarte Simões

LAGOS, 21.—Vitimado pela tuberculose faleceu o operário carpinteiro Júlio Duarte Simões, dedicado camarada que ao Sindicato da Construção Civil, desta cidade, deu o melhor do seu esforço. Devido à sua atitude no sindicato foi bastante perseguido pelo patronato que lhe negava trabalho forçando-o a emigrar para Marrocos há quatro anos, donde tinha regressado há cerca dum anno.
Mais uma vítima dos exploradores que desaparece. Com a sua morte perde a organização operária um dos seus denodados defensores.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 15 — Soirée às 21,15
NOS DIOS ESPECTÁCULOS
«MALMEQUER»
Engracadiíssima «bluette» em 7 quadros pelos melhores artistas do género
PREÇOS POPULARES
Superior 250, Cadeiras 150, Fautoull ou Balcão 100, Fautoull do Orquestra 750,
Camisotes 250, Frizas, 500
NESTE THEATRO NÃO HA CALOR
21 janelas e inúmeros ventoinhas

TEATRO NACIONAL

HOJE
COMPANHIA
Ilda Stichini-Alexandre Azevedo
A interessante peça em 3 actos,
original de Lucien Nopely, tradução
de A. de Almeida e A. Dias da Costa
OS FILHOS
Encantador entrecho
Espirituosos diálogos
Situações esplêndidas
Protagonista:
Ilda Stichini

TEATRO NACIONAL

HOJE
COMPANHIA
Ilda Stichini-Alexandre Azevedo
A interessante peça em 3 actos,
original de Lucien Nopely, tradução
de A. de Almeida e A. Dias da Costa
OS FILHOS
Encantador entrecho
Espirituosos diálogos
Situações esplêndidas
Protagonista:
Ilda Stichini

Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um piquete no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gazolina à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi. Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraeiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnífico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do contínuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Ericeira

Contra um bárbaro espectáculo

ERICEIRA, 20.—Realiza-se, no próximo dia 25 do corrente, a feira anual dos «Alhos» ou de Santiago. Coincidindo com essa data os amigos do passado anunciam a realização dum espectáculo bárbaro, uma tourada, em que serão lidadas oito vezes para gáudio da fera humana, sedenta de sangue. Estes espectáculos que há anos fizeram as delicias dos pequerruchos cá do burgo e que haviam sido suprimidos depois, ressurgiram de novo, no ano pretérito, com a reconstrução da praça no mesmo local onde anteriormente funcionava, e com materiais oferecidos por um «generoso» proprietário...

Como se ainda não bastasse a obra desmoralizadora das tabernas e igrejas que aqui pululam como cogumelos, faltava mais estes bárbaros espectáculos para corromper ainda mais os já corrompidos costumes públicos. Protestamos contra esta selvageria que nos avilta aos olhos do mundo culto, retrogradando-nos para a crassa idade-média, embora esta nossa atitude não consiga comover certas almas piedosas e tauromáquicas...

A falta de água

Não é só na capital que a falta de água preocupa a opinião pública. Aqui, há já longo tempo que a falta desse fluido se faz sentir sempre nesta quadra do anno. Se não tomarem as necessárias providências que o caso requer, a escassez desse precioso liquido será maior este anno do que nos anteriores, com manifesto prejuizo da saúde pública.

Ceia

Um «santo» padro

CEIA, 20.—O padre de São Romão, deste concelho, retirou-se para a sua terra natal estafado com tanto trabalho, para bem das almas, pois que confessava as franciscanas noite alta, a sós, numa capelinha particular. As confissões noturnas eram a miúdo, e quanto mais confessava (poder de Deus!) mais magrinho se ia tornando o santo padre.

As beatas fazem preces pelas melhoras de tão benemérito vigário.
Há um milagre a registar:—uma formidável tarefa numa devota casada que, para ter a alma limpa, abandonou o lar e foi às ocultas ouvir a missa na dita capelinha... das duas da madrugada...

Associação de Socorros Mútuos

Vão bastante adiantados os trabalhos da construção para a sede da Associação de Socorros Mútuos Cense. É muito provável que, em breve, seja inaugurada.—C.

Guarda

As bodas de ouro da Corporação dos Bombeiros

GUARDA, 20.—E' grande o entusiasmo existente, nesta cidade, por motivo da comemoração do 50.º aniversário da Corporação dos Bombeiros Voluntários. Devido às festas desta simpática corporação estão reservados todos os quartos dos hotéis, esperando-se a vinda de milhares de forasteiros.

As «bodas de ouro» comemoram-se nos primeiros dias de agosto. Apesar de sermos contrários a festas, estas merecem-nos uma grande simpatia, exceptuando, é claro, os discursos patrióticos e a exibição dalguns vaidosos impenitentes que hão-de querer fazer figura a todo o transe. Daqui felicitamos e calorosamente a benemérita Corporação dos Bombeiros desta cidade.

Espinho

Inauguração solene...

ESPINHO, 19.—Com a imponentia dos anos anteriores, abriram ontem, nesta localidade, algumas das principais casas de jogo que aqui exercem sua «nobre» e «altuista» missão durante o decorrer da época balnear.

A «posse» das bancas, roletas e outros instrumentos congêneres, que servem para desgraçar muita gente, foi dada pelos proprietários-agiotas—excelentes cavalheiros de indústria—com a assistência de inúmeros «spontos» e outras entidades... oficiais do mesmo officio.
Desde domingo, pois, que em Espinho se joga livremente a batota. Fiquem sabendo toda a gente porque, para início da mo-

O projectado arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado às empresas particulares

Acêrca do anunciado arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado às empresas particulares, recebemos a seguinte nota officiosa da União Ferroviária:

«Tendo a imprensa diária publicado que o governo pensa arrendar a qualquer empresa que mais garantias oferecer, os Caminhos de Ferro do Estado porque, segundo informações colhidas pela mesma imprensa no ministério do Comércio, o grande deficit justifica e exige esse arrendamento, a direcção da União Ferroviária reünida extraordinariamente para apreciar esse importante assunto, resolveu tornar pública a sua formal contestação à afirmação feita de que a passagem é exigida pelo deficit dos Caminhos de Ferro do Estado. Carece, pois, em absoluto de fundamento a informação acêrca do deficit que não existe, como se provará com elementos que a direcção da União Ferroviária considera irrefutáveis e completos.

Para dar cumprimento a estas resoluções vai ser editada uma Carta aberta dirigida ao governo e ao público para a que este organismo, pede a máxima atenção.»

Enquanto os mineiros sofrem...

LONDRES, 22.—Nos magníficos jardins do palácio de Buckingham realizou-se esta tarde um interessante «garden-party» de caridade, que resultou brilhantissimo.

Assistiram mais de 15.000 pessoas, entre as quais os representantes da primeira nobreza do imperio, membros do corpo diplomático, governo, etc.

Jorge V, acompanhado pela rainha, percorreu todas as áreas dos jardins conversando com os convidados.

Na extensa fila de automóveis que conduziram os convidados dos soberanos viam-se mais de 8.000 carros, e para regularizar o trânsito nas imediações do palácio a policia destacou 300 guardas.—(L.)

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Para ir toda a noite basta ir ao Apolo, ver «A casa da Suzana», o mais alegre espectáculo da actualidade, pelas situações do maior relevo cómico. O que sucede, em «A casa da Suzana», não é para ser contado, pois se vendo, se acredita no que lá sucede.

O Foz está registando enches em todas as «matinées» e «soirées», graças ao «Malmequer», espiritosa «bluette». Obteve um enorme êxito a distinta e formosa completista-bailarina espanhola Carmencita Alvarez, que ontem se estreiou.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.
Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de «A Batalha».

SOLIDARIEDADE

Comitê Pró-Presos por Questões Sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas este Comitê, para tratar de assuntos urgentes.

Importâncias recebidas ultimamente: Secção do Sindicato da Construção Civil de Beato e Olivais, 73\$49; Pedro Duniana, 2\$00; A. Botelho, 2\$00; Associação dos Corticeiros de Lisboa, (queto na fábrica Baiao Rodrigues Ltd., 11\$00; Damaso Pacheco (auxílio de uma Sociedade Recreio), 19\$50; Associação de Cabeção, 10\$00; Bólsa de Solidariedade da Construção Civil, 30\$00; Sindicato dos Mineiros de São Domingos, venda de 10 folhetos «O Espectro de Bulça», 10\$00 e auxilio do Sindicato, 10\$00; Sindicato Têxtil da Covilhã, venda de 20 folhetos, 20\$00; Carpinteiros do Manicómio, 11\$50; Manuel Nunes Ribeiro, 5\$00; Obras da Maternidade, 20\$50; José Maria Tavares, 10\$00; Sindicato da Construção Civil de Alcains, venda de 10 folhetos, 10\$00; Queto tirada em Peniche, Florido de Almeida, 10\$50; José Andrade, 20\$00; Manuel da Glória, 5\$00; Joaquim Miguel, 5\$00; Luis dos Santos, 2\$50; João Sêco, 1\$00; José do Carmo, 2\$50; Marcelino Francisco, 2\$50; Francisco Raimundo, 2\$00; José Inácio, 2\$00; Manuel Leitão, 2\$50; Manuel Prado, 5\$00; Irmão dos Santos, 5\$00; Manuel Miguel, 5\$00; Tiago Pereira, 2\$00; Agostinho Lapa, 2\$50; Joaquim Picanço, 5\$00; Jime Paulino Cerqueira, 5\$00; Sindicato Corticeiro de Almada, venda de 10 folhetos, 10\$00; Sindicato Manipuladores de Vidraça M. Grande, 10\$00; Sindicato Mineiros de Aljustrel, venda de 10 folhetos, 25\$00.

Engrandecimento do porto de Londres

LONDRES, 22.—Vão iniciar-se em breve os trabalhos de desenvolvimento do porto de Londres, os quais devem estar concluídos dentro de três a quatro anos, tornando-o o maior porto do mundo.

O custo do respectivo projecto elevar-se-há a cerca de quatro milhões esterlinos, e o contrato de dois e meio milhões, relativo aos trabalhos da secção de Tilbury, será assinado dentro de poucos dias.

A parte mais importante do plano é a construção dum cais flutuante para embarque e desembarque de passageiros, no qual poderão entrar os maiores paquetes das grandes linhas de navegação, bem como a construção duma grande doca junto da qual, onde os navios poderão entrar para reparações.—(L.)

MALAS POSTAIS

Expedições de hoje:

Pelo paquete «Avon» para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires; pelo paquete «Guisepe» para New-York; pelo paquete «Alondra» para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental e pelo paquete «Pancias» para New-York.

Da Estação Central dos Correios as últimas tiragens são para os dois primeiros paquetes correspondentes registados às 9 e das ordinárias às 11 e para os dois restantes, registados às 11 horas e das ordinárias à 1 hora da tarde.

Quem se não sente bem...

VIENA, 22.—As manifestações comunistas a favor da emigração para a Rússia provocaram hoje desordens nas ruas de Viena, do que resultou efectuarem-se numerosas prisões. Da refrega com a policia saíram feridos bastantes manifestantes.—(L.)

Ultimas notícias

A marcha alucinada da politica francesa

Um batalhão de deputados para salvamento da patria

PARIS, 22.—O sr. Morinaud, ao ser recebido pelo sr. Poincaré, declarou que o inter-grupo republicano a que preside, é constituído por representantes de todos os partidos, exceptos dos socialistas e comunistas, que contendo mais de 300 parlamentares, pode oferecer ao novo governo, desde que esteja resolvido a proceder com energia invulgar, como a situação exige, um apoio decidido e forte.

O leader do inter-grupo republicano insistiu com o sr. Poincaré para que contie duas pastas às esquerdas, visto estas disporem de importante maioria nos deputados e no senado.

O indigado chefe do governo respondeu que os seus desejos são iguais aos do sr. Morinaud.—(L.)

Poincaré Diogana? deambula na confusão e não encontra ninguém

PARIS, 22.—O sr. Poincaré, prosseguindo nas suas diligências para a constituição do novo gabinete, conferenciou hoje com o sr. Le Seives, Briand, Herriot e recebeu depois uma delegação do inter-grupo parlamentar, particiando dum governo nacional, o sr. Sarraut e os leaders do Senado. Depois das 14 horas, afirmou-se que o sr. Poincaré ficaria com a presidência e finanças, e o sr. Barthou com a pasta dos estrangeiros.

Dão-se também, como ministeriaes os srs. Tardieu, Bokanowski e Henri Simon. O sr. Poincaré, à medida que avança nas suas diligências vai encontrando dificuldades para a constituição dum governo da sua presidência.

Nos círculos radicais-socialistas, de parte de amigos do sr. Caillaux e em certos elementos do centro e da esquerda, a opposição é já absolutamente aberta, apesar de ter sido oferecida uma pasta ao sr. Paul Fournier, que recusou.

Admite-se já a hipótese do sr. Doumergue confiar a presidência do ministério ao sr. Barthou ou Albert Sarraut, ficando o sr. Poincaré nas finanças.

O sr. Poincaré declarou aos representantes da imprensa que, ou formava um governo verdadeiramente nacional, ou declina o encargo de formar gabinete.—(L.)

Quem canta, seus males espanta

PARIS, 22.—Terminada a sessão de ontem na Câmara dos Deputados, e conhecida a queda do governo, uma enorme multidão encaminhou-se para o Palais Bourbon, em frente de cujas janelas ergueu entusiasticos vivas à França, terminando por cantar em unísono a «Marsehesa».—(L.)

Um homem da situação

PARIS, 22.—O sr. Jorge Bernardi, redactor-chefe da Gazette de Voss, chegou hoje a Paris, onde vem realizar uma conferência sobre a situação económica e financeira da França. Dirá que a estabilização do franco apenas será possível com homens que abandonando a politica, mereçam a confiança do país inteiro.—(L.)

Consolidando um ministro falido

PARIS, 22.—Foi eleito presidente da Câmara dos Deputados por 221 votos, contra 213, obtidos pelo sr. Bouisson, socialista, o sr. Raul Perot.—(L.)

SOCIEDADES DE RECREIO

Filarmónica dos Calceteiros Municipais.—Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para apreciação do relatório de contas, parecer do concelho fiscal e eleição dos corpos gerentes.

Grupo Dramático Solidariedade Operária.—Hoje, pelas 21 horas, devem reunir-se todos os sócios inscritos para o jantar de confraternização.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de

RICARDO MELLA,

«IDEARIO»

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação Libertaria — Tactica — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Luta y a Floresta — O terrorio — Hiers — Ideo-clasas — Moral Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 1\$500 — Pelo correio 1\$650

Pedidos à Administração de «A BATALHA».

Trindade

Telef. T. 976

n 5 INCLUSOS COMEDIA

O PATRIOTA

e n «BLUETTE»

POMADA AMOR

Original de ERICO BRAGA e AVELINO DE SOUSA
Música do maestro Alves Coelho
Explendidos scenários—Luxuoso guarda-roupa—Desempenho brillantissimo



NA MARINHA GRANDE

Escreve-se sobre a Censura a propósito do que a Censura não deixa passar

MARINHA GRANDE, 20.—E' tarefa assaz difícil, censurar alguém neste momento, porque o gume mutilador da censura, deitará por terra toda e qualquer crítica, que entendamos fazer na presente quadra.

Por isso, confessamos sem pejo, com toda a franqueza que nos caracteriza, que não sabemos como apresentar a verdade, de forma a que ela saia incólume das mãos dos censores.

E assim, as questões que avultam pela sua importância, vão dia a dia sendo relegadas, porque um certo temor nos leva a não pegar na pena.

A expressão clara do pensamento, que nos estamos habituados a prender ao papel deve agora ser marchetada pela forma de escrever, pondo-se de parte (como a clássica candeia, quando surgiu o bico de gás) a forma "redundante", que é mais forte, mais intensa e animada.

Contudo, se no estilo, não sabemos qual o mais próprio de ser empregado, para não irritar a censura, na escolha das imagens e figuras de colorido e animação, é que nos sentimos mais enleados, verdadeiramente enascados, como se estivessemos encaixados num beco sem saída; como se por exemplo, para escaparmos a um perigo, que nos ameaçasse a vida, se erguesse como passagem, uma barreira alta, que avultasse pela sua intransponibilidade.

A crítica serena não escapará ao golpe, à cutelada certa, porque os argumentos censurados, certamente não admitirão, que entremos com eles de semana, com um paliativo jocoso, de lúva branca, como sói dizer-se, no calão de cavaqueira amena.

E nós, cujos cabedais literários, não vão por aí além, sendo mesmo muito escassos, maguicamos então na maneira mais prática de estampar nestas colunas, os assuntos dignos de apreciação.

E' que verificamos, que as indústrias li-meira e vidreira, atravessando uma fase angustiosa, precisam da protecção governamental.

Mas nós que temos por força de mostrar a incúria e asneísmo dos governos da república, que têm como nas mágicas transições pelos casarões do Terceiro do Paço, abtemos-nos de escrever não vão mutilar o mais útil, o mais interessante, precioso e digno de ser lido, e deixam apenas a série de logares comuns, que enchem a página, não vão os camaradas compositores, para encher os espaços em branco, colocar os bonecos, que se assemelham ao mísero pigmeu, tentando interceptar o vôo gigantesco da água do pensamento.

Precisamos de mostrar ao general Carmona estas importantes questões.

Precisamos indicar-lhe mesmo o que urge fazer, porque sua excelência habituado ao som estridido do clarim, ao bater seco e cadenciado das carabinas, ao mover automático de cabeças e braços, subdivididos em tempos, não repara que por esse país fora há maridos que dia a dia se vão pousando, portões que se cerram, reflorescem de máquinas que se extinguem, braços que ficam improdutivamente cruzados e todo um vozeiro de famintos, que vão ficando sem trabalho, sem pão, à margem da sociedade.

Mas o grupo do quartel do Carmo não nos perdoará a ousadia, e muito embora verifique, que uma grande e nobre vontade nos anima, fará contra o negregado lápis pelo papel da prova, inutilizando os períodos em que somos mais enérgicos e contundentes.

E se hoje nos resolvemos a encher uns quartos de papel, foi simplesmente porque, um exercício se impõe, porque um estudo nos anima e nos encoraja a igitarmos um "raid" neste dedaído intrincado de escrever ao agrado da censura, que muitas vezes alargando as malhas à rede, é mais transigente e deixa passar peixe grosso e tacadinhass mordiscantes.

Então animados por esta verdadeira obcessão pegamos na pena e a traços rápidos riscamos estas linhas que farão sorrir condescendentemente a comissão censora, sendo mesmo muito possível que tudo isto saia imutável do gabinete do sr. Pratas!

E se escaparmos à "razia" abrimos com este escrito uma clareira enorme, rasgamos pepitas para um inquérito, que a todos os títulos será interessante. As questões sociais que muitos camaradas entendem dever ser apresentadas num estilo preciso, cheio de realismo, sem fantasia alguma, terão que ficar relegadas por momentos pelo menos enquanto estiver a nortear o nosso raciocínio uma comissão de militares.

E se alguém temer em as apresentar terá de necessariamente fazê-lo engrinaldando de amenidade, aquilo que deve ser apresentado com cambiantes rubros de revolta; terá de fazer-lo à margem duma prosa leve, ligeira, esvoaçante.

Urge que sejam apresentadas ao governo as diversíssimas reclamações, que prendem neste momento a atenção de todos os militantes operários.

Como fazer, porém?

Será possível fazer uma reclamação, sem que ao governo se fale segundo as exigências da questão?

Como fazer interessar o general Carmona, pelos assuntos da região estremenha, sem que digamos de alto e bom som, que são horas e mais do que horas de entrarmos num caminho de realizações práticas?

Como fazer convergir a atenção do governo sobre os assuntos li-meira e vidreira, senão dissermos que em Vieira de Leiria e Marinha Grande há fome e miséria, que há finalmente o negro manto da tragédia a cobrir os ares de desolação e dor?

Como, como?

Escrevendo encontros, adjectivos mentirosos e hipocrisias, uma mixórdia nauseabunda, em escritos do tamanho duma mentelha das Novidades?

Ou então adoptando a metáfora, e a alegoria?

Mas o leitor certamente não descobriria, no intrincado destas imagens, o perfil austero da verdade.

Não iria descobrir com facilidade o que queríamos dizer.

Se dissessemos que o governo do general Carmona estava a marcar pela sua bondade e meiguice, não iria discernir que ao

referirmo-nos dessa maneira ao elenco ministerial, queríamos dizer que ele pouco mais do que nada estava fazendo.

Se pelo contrário pedissemos desculpa ao leitor, encarando-lhe a necessidade que temos de ser cautelosos, certamente não iria supor que recamos a censura, que tememos o lápis azul, que odiamos o espaço em branco onde o pensamento cá incompleto, a apunhalar a "bonecragem" de posições caricatas, numa "degringolade" enervante!

Cremos ter dito o suficiente para sermos compreendidos.

Se temos sido "ródios" outro pensamento nos não norteu, que não fosse o de demonstrarmos o nosso embaraço para satisfazermos as exigências de A Batalha, informando-a de todas as patifarias que se estão cometendo na região em que temos a incumbência de a representar.

Queremos, portanto, dizer com tudo isto, que há por aqui fome, miséria, dor, crise de trabalho.

Não podemos dizer isto de outra forma. Não podemos dizer que há por aqui normalidade, que funcionam todas as fábricas de lúvas e vidro, e que o operariado não tem nada de rosas, num verdadeiro Eden muito mais florido e risonho que o primitivo.

Não podemos dizer que o governo já atendeu o magno assunto paulatino, questão de vida ou morte para as indústrias em que falamos.

Não podemos dizer que a indústria li-meira, irá dentro em pouco mostrar ao mundo... a ferrugem das suas máquinas... e as teias de aranha das suas oficinas.

Se adotassemos o palavrado chulo e batido como o triste fado, deslocaríamos a gravidade da questão, e mesmo lá estava espreitando-nos a maitreira e engraçada lei de imprensa, dizendo e desdizendo, assim e assado, e que se continuassemos nos iria amarrar as mãos e querer o jornal.

Neste charivari, de excitações, temendo incorreremos no desagrado dos meirinhos da pena, deixamos milhares e milhares de pessoas debaterem-se com a mais cruenta das crises.

O estilete da crítica vai sendo queimado pela labareda lenta da ferrugem, o nosso espírito vai bracejando como naufrago em pleno mar, e nesta neblina intensa em que somos coagidos de fazer irradiar a luz da verdade, vemos-nos forçados a fugirmos da borrasca, que este acastelado de nuvens negra anuncia, desejando mais que nunca a paz, a santa paz dos analfabetos, e o indiferentismo imutável e absoluto dos ignorantes!

Alves de FREITAS

CRISE DE TRABALHO

As delegacias da comissão delegada dos operários da Construção Civil

A comissão delegada do Sindicato Unico da Construção Civil entrevistou ontem o director dos Edifícios Públicos sobre a abertura das Casas Económicas da Ajuda. Respondeu aquele senhor que já estavam entregues à administração dos Edifícios Públicos, mas não sabia a forma como começariam os trabalhos, sem que o ministro do Comércio determinasse. Logo que este titular o determinasse, as obras seriam abertas imediatamente. Em virtude desta declaração, a comissão vai hoje entrevistar o ministro do Comércio.

O Sindicato Unico da Construção Civil, convida todos os operários inscritos e não inscritos, associados, a comparecerem hoje, das 11 às 13 horas, na sede do Sindicato, a fim de se tratar de um assunto que se relaciona com a sua situação.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Subsídios

Pelas 19 horas de hoje, a comissão deste Secretariado procederá à distribuição de subsídios às famílias dos presos e deportados que tenham direito a essa regalia.

Consultas jurídicas

Hoje, às 21 horas, o advogado confederal, dr. Sobral de Campos, dará consulta jurídica a todos os operários confederados que dela necessitem, sendo indispensável a apresentação da caderneta confederal em dia.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Vinte e cinco mil escudos que ficam... sem efeito

A comissão administrativa da Câmara Municipal resolveu que fiquem sem efeito a deliberação de uma verbação transacta, para a construção de um campo de futebol nos terrenos do Parque Eduardo VII confinando com a Rua Marquês da Fronteira, visto a obra, que estava em execução, apenas em início; esta obra custou ao Município nada menos de 25 mil escudos. Verifica-se, por fim, que a construção do referido campo, se torna dispendiosíssima, exigindo um grande volume de remoção de terras e que não teria as condições necessárias aos fins desportivos a que se destina, visto que em grande parte esse campo ficaria limitado por um talude de grande altura, imminente e desacompanhado sobre a via pública. Além disso essa obra, de certo provisória, mas consumindo uma verba incomportável com a situação financeira do Município, não faz parte do plano já estabelecido para a realização do Parque Eduardo VII, e até prejudica esse plano.

Por todas essas razões, o Município decidiu que tudo ficasse sem efeito, incluindo os vinte e cinco mil escudos.

Como os padres fazem, com toda a lata, a especulação da linha

Há tempos, e como a justificar o estado decadente desta carcomida sociedade burguesa para definir um indivíduo que clinicamente se conduzia, diziam sentenciosamente que era um indivíduo de linha; mais tarde, como os indivíduos, assim intitulados, fizeram progressos e alargaram a sua esfera de acção até aos meandros do comércio e da indústria e à crapulosa bôlsa da finança, enriquecendo rapidamente e rapidamente se transformando, com a linha passou a lata, e então, abertamente se dizia: O que é necessário para triunfar na vida é ter linha e lata; e tão bem esta situação caiu que dentro em pouco era norma dos menos escrupulosos e dos mais audaciosos.

Os políticos velhacos e cabulas que, fálhos de clientela, como médicos ou advogados, desprotegidos da sorte, como um pobrebreão comerciante, faziam-se de linha e lata e dentro em breve, apareciam grandes estadistas, importantes chefes e optimos administradores. Os financeiros, a quem o Deus mercúrio não sorria ou o negócio falhava, com um pouco de linha e lata namoravam o Estado e o seu triunfo era certo.

O comerciante miliciano e o noviço bastavam uns trezentos e sessenta e cinco dias para que de miliciano passasse à categoria de honrado e grande comerciante da nossa praça.

A linha, por mais estranho que isso pareça, por largo tempo substituiu a inteligência, o saber e a instrução; um indivíduo com um curso superior ou elevado grau intelectual nada fazia ou era, ao pé dum dos tais, de linha e lata. Agora, o poder da linha aumentou, mas não dessa linha de que nos temos ocupado e que fazia dum vadio um comerciante, dum bandido um honrado, e dum analfabeto um estadista, mas sim das linhas de coser, dessas linhas que ontem deram para uma opereta, hoje para um artigo e amanhã para uma comédia.

A linha a que me refiro é aquela linha que os pobres e explorados povos da província, partida em cinco bocados numa corrida que estrifiste, numa ância que nos comove, de porta em porta, lugar em lugar e aldeia em aldeia, para a salvação das almas andam a entregar.

A linha em referência, embora marca Bispo, nem sequer chega a ser aquela linha que, servindo para nos coser o fato, se torna útil e proveitosa, pois é outra, muito outra; é aquela linha que, inventada por qualquer patusco, levou os povos a crer cegamente naquilo que não compreendiam e os padres tornam cada vez mais incompreensível. Essa linha que dizem uns, vinda de Cristo, do doce Raby de Galileia que pregou a igualdade entre os homens e que afirmam outros, da Senhora de Fátima, dessa senhora a quem as desmoldadas matronas em defesa das suas immoralidades como boas devotas da orgia solicitam o milagre do desassossego em casa dos outros, é aquela linha que o escorraçado vendilhão do tempo inventou para se apoderar da razão, do pensamento de cada um e proibir com o terror de castigos enormes que alguém pense ou raciocine de maneira diferente da sua.

Linha que os velhacos resolveram aproveitar em seu favor e explorar com ela a crença de que os outros estavam possuídos. Dizem-se em relação com os Deuses, apregoam a sua influência junto deles, fazendo acreditar que a sua intimidade com as divindades é o único caminho seguro para obter o perdão e evitar os castigos do céu.

Servem-se de mil artifícios, usam de vários ardis para convencer e sustentar o que afirmam e fazem tremer quasi tanto como os Deuses pelo poder que se arrogam e dizem ter com a tal linha. Orientam a opinião ignara e desconhecadora a seu talante, inventam e pregam o que muito lhes apetece.

Encandeiam a vontade, agrilhoam a energia. Fazem-se insubstituíveis, indispensáveis e encarceram o cérebro humano.

E como tudo isto não lhe basta, porque pode algum cérebro ter um lampejo de razão; podia algum consciente revoltar-se, tentam o bloqueio estreitamente mantido.

Que fazem então, se alguém lhe escapa das garras, a exemplo da filarmónica do Trovical, e o castigo anunciado e predito não surge, rápido e salvador, a afirmar em aliteres e indelutáveis o edifício mental trabalhoso e arduamente arquitetado? Eles bem sabem que o castigo não vem, eles, mais inteligentes e bem conhecedores das falsidades que apregoam. Fazem derivar para as autoridades civis a essência divina, cimentam-lhe a posição e robustecem-lhe o poder; e em troca, esses chefes, dão a espada justiciera e vingadora.

Desta forma, sacerdotes e chefes têm a lucrar com o negócio das linhas. Pois amparando-se assim, auxiliando-se mutuamente, organizam essa aliança monstruosa que tem sob a sua pata brutal um povo inteiro; o poder abraçado à mentira e enlaçado ao despotismo.

Depois, poder temporal e poder espiritual intimamente unidos na mesma comunhão de interesses, resolveram dominar o mundo pelo emprego da força, pelo uso da astúcia; dizem e dizem: "é e pensa como nós"; desenrolam uma série de mentiras, embustes e ameaças sobrenaturais para convencer.

E reside a serventia da linha; linha misteriosa que a Igreja nunca perdeu e que por lhe sobrar tanta agor a deitar fora, fazer chegar a todos os ignorantes, a todos os timoratos à custa de quem tem vivido e que por algum tempo ainda viverá.

A entrega da linha, que tanto tem preocupado a gente inculta das aldeias, é a mais flagrante prova de que a Igreja só vive da mentira, do embuste e do vigário. Se não o inventa, não o proíbe, e se não o proíbe concorda com ele, e concordando com ele, explora-o, torna-o lei e com ele se governa, enganando uns, intrajando outros e vivendo de todos. Para ela não há reis, presidentes ou generais, em todos manda todos domina e com todos se governa.

Paulo EMILIO

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

ACTO DE BANDITISMO

Um mestre de obras das Côrtes, com um grupo de sicários, tenta assassinar, por ignóbil vingança, dois pobres operários

Ontem, procurou-nos um camarada nosso, muito indignado, a referir-nos um caso repugnante que revela bem o escopo moral de certas criaturas que na vida, nesta vida de hipocrisias e aparências, conseguem passar por boas pessoas.

Ora, aqulite o leitor:

As exigências dum despota

José Narciso Xavier Arruda é mestre das obras das Côrtes. Como bom mestre de obras construiu uma casa para si na quinta da Letrada, ao Alto do Varejão. Nas Côrtes tinha como servente um pobre rapaz, tipo simplório, de nome Manuel dos Santos, a quem induziu a servir de guarda à sua casa, para o que lhe mandou construir uma tósca e açanhada barraca de madeira, na qual o rapaz se alojou com sua mulher e uma filha-linha.

Fechadas as obras das Côrtes, o servente Manuel dos Santos integrou-se mais no seu papel de guarda, sem qualquer espécie de remuneração mas com a incumbência de ir arranjarr numa casa de pasto sobras de comida para um cão que o mestre colocara paredes meias com o seu pobre tugúrio. Sucede, porém, que o fornecedor da comida do cão, que olhando à miséria do Manuel dos Santos a começara fornecendo gratuita, por qualquer motivo desconhecido, resolveu não mais a fornecer.

O primeiro acto de malvezes

Mestre Arruda irritou-se, disparatou e lançou-se numa perseguição acintosa contra o seu guarda congeminando a forma de o alijar para fora da infame barraca que lhe cedera para habitação. Chegou-se a este inconcebível acto de malvezes: Uma noite, quando na barraca do pobre guarda tudo dormia, um pedregulho caiu sobre o telhado, em sitio que bem poderia ter rompido as telhas e ido matar a criancinha que dormia no berço. Outros apetrechamentos se sucederam. Por fim, surgiu a medida extrema, mestre Arruda, ordenou o imediato despejo da barraca.

O infeliz Manuel dos Santos, submisso, dispôs-se a acatar a vingativa ordem. Mas, surgiu no seu espírito uma dificuldade grande. O despejo da barraca não o podia ele efectuar de dia; pois tão horrível era o interior daquele antro, tão miserável era o seu recheio que se tornava necessário encobri-lo aos olhos dos profanos. Só uma solução havia: fazer a mudança de noite. Esta resolução comunicou-a ele ao tirânico mestre.

Uma cilada só própria de bandidos

E pelas 2 horas da noite seguinte, noite escura como breu, o servente Manuel dos Santos, acompanhado de seu pai, um velhote de 56 anos, do mesmo nome, dirigiu-se a fazer a mudança. Aproximaram-se da barraca, transpuseram o tóscico portal e

NAS OFICINAS DA C. P.

A entrada do pessoal--Os silvos anunciadores--Em quatro tempos...

Como já o afirmáramos, há tremendas anomalias a escarpellar, verdadeiras afrontas a verberar e indúrnias iniquidades a combater enérgicamente. A Batalha trazendo a lume nas suas colunas todas as propensões cometidas contra centenas de operários, subjugados à letra dum indigno e revoltante contracto, não faz mais do que cumprir a sua missão de defesa dos direitos proletários e simultaneamente dar alento aos que, resignadamente, aceitam todas as imposições que lhe tem querido fazer.

E' necessário levantar o espírito dessa numerosa classe, com direito a ser tratada humanamente e em igualdade de condições e regalias aos restantes produtores da C. P. E' mister convencer os atirados por tão draconiana atitude de que só conseguiram modificá-la, quando altivamente, dignamente, mostrarem o respeito que a si próprios devem; respeito que não pode continuar a ser ofendido como até agora. E' necessário que esses homens--actualmente numa situação de escravos--mostrem o valor que representam dentro da Companhia e até mesmo perante a Sociedade, exigindo por isso mesmo, um tratamento mais consentâneo com a sua dignidade dentro dos princípios e sentimentos do Bem que devem reger os povos.

Para isso, bastará que decididamente metam ombros a tal empresa, formando um forte bloco de união entre todas as oficinas e reclamando com ardor e persistência, e sobretudo sem vacilações, porque lhes sobeja razão, o direito à vida, e a terminação da tirania de que são vítimas.

E essa acção terá que iniciá-la. Se já tivesse aparecido algum resolutamente e em nome de todos, com o seu incondicional apoio, directamente houvesse exposto aos próprios opressores os desejos do pessoal, as manifestações de rebeldia sufocadas no seu íntimo, mas que hão-de inevitavelmente um dia explodir com todo o desespero e retumbância, pelo enorme sofrimento acumulado, nunca as coisas teriam chegado ao ponto em que se encontram, desconhecendo-se, por enquanto, o caminho que tomarão.

Noutros tempos, o mais injusto castigo era o suficiente para todo o pessoal se indignar e uma comissão sua delegada se entender com os representantes da empresa. A maioria das vezes, esclarecido o assunto, o castigo era retirado.

Trate, pois, esse pessoal, da sua situação. Refina, insista com o seu sindicato a importunar a uma questão e desenvolva a necessária acção, se não quiser assistir à demissão lenta de todos os ferroviários, tão fortemente ligados ao trabalho durante anos e anos, por vínculos de sofrimento e dor.

Há, como atrás dizemos, casos extraordinários a desfiar. Grandes atropelos, fla-

quando iam iniciar a remoção dos tristes tarecos, viram-se vítimas duma torpíssima cilada. Mestre Arruda peilara um grupo de indivíduos do seu faz e com eles se emboscara no negrume da noite. Espreitando como feras as suas vítimas, armados com uma pistola o Arruda e de várias ferramentas agrícolas os seus sequezes, mal apresentaram pai e filho encurralados na barraca lançaram-se sobre eles. Ao mesmo tempo que Arruda disparava dois tiros para o interior da barraca, dos outros assaltantes, um, de nome António Maia, com uma pá, descarregava uma forte pancada sobre a cabeça do velho Manuel dos Santos, abrindo-lhe uma brecha, donde logo o sangue jorrou abundantemente; outro, chamado Carlos, servente de pedreiro, atirava também uma enxadada à cabeça do velhote, abrindo-lhe segunda brecha; os restantes, Alexandre, conhecido pelo ferro-velho, e Augusto, dono duma outra barraca próxima ajudavam à agressão, ao mesmo tempo que uma mulher, governante do mestre Arruda, fazia alarido para dar a impressão terrífica, de que se tratava duma defeza justa contra gatunos.

Entretanto o arruda agarrava o seu ex-guarda por um braço e encostava-lhe à cabeça o cano da pistola, disparando. Por felicidade a arma encravou-se; o rapaz atterado fugiu quinta abaixo em direcção ao pólo policial da Vila Cândida a pedir socorro.

No local do assalto, a esvaír-se em sangue, ficara o pobre velho, enquanto os seus agressores partiam a vasculhar a quinta em busca do filho, tendo antes garantido que se o não encontrassem voltariam a concluir o assassinato. Arrastando-se, o velho ocultou-se como pôde servindo-se das trévas que tudo iermigava; e os algezes, desesperados de agarrarem o rapaz, voltaram a emboscar-se aguardando que ele, levado pelo amor filial, regressasse em socorro do pai e lhes caísse nas mãos.

De facto, momentos depois, o rapaz voltava; mas voltava precedido de alguns polícias. Mal o pressentem, os do bando lançam-se sobre ele, mas vão esbarrar com os guardas que, de pistolas em riste, os desarmam e manietam.

O ferido foi imediatamente conduzido ao hospital de São José onde os dois ferimentos que recebera lhe foram suturados com dezasseis pontos um e o outro com dez.

O mestre das obras das Côrtes, esse José Narciso Xavier Arruda que passava por boa pessoa, revelou-se assim um bandido da pior espécie, um quadrilheiro que, por mesquinha e réles vingança, não vacilou em tentar arrancar a vida a dois entes inocentes e indefesos. Tal bandido, porém, continua a impiar de arrogância. Aliançados ele e os seus sequezes aulicos, após oito dias de prisão, prosseguem ameaçando as suas vítimas, confiadíssimas, talvez, de que o proteccionismo das influências políticas, de que o mestre dia gozar, os acobertará.

grantes injustiças. Há os que só por si seriam de justificação suficiente para o levantamento em massa e como protesto de todos os ferroviários, tal o carácter malicioso que revestem. Todos virão a público a seu tempo.

Para melhor se avaliar, porém, do que se passa, partiremos dum ponto: a entrada do pessoal para o trabalho, pior, sob muitos aspectos, que uma prisão. E acompanhemo-lo depois durante o dia no cumprimento da sua nobre missão: produzir. Todos terão ocasião de observar a razão desta campanha.

E' interessante saber como se faz a entrada do pessoal para o serviço. E' como se estivesse na vida militar, na execução de qualquer exercício,--por tempos.

A laboração começa às 8 horas; porém, o primeiro apito toca às 7,40, (20 minutos antes) 1.º tempo, para preparar. O segundo sinal às 7,50, 2.º tempo, para entrar. Quando este toque termina, deve o pessoal encontrar-se dentro do recinto da Companhia. Caso contrário é fechada a porta, mesmo que ainda estejam para entrar, um, dois, como 50 ou 100 operários!

E' um prazer que o engenheiro Sequeira tem em fazer perder meios dias aos ferroviários. E' um prazer ignóbil, mas se ele gosa com isso!...

O ficarem ou não à porta, depende do prolongamento do apito. Se o fogueiro da máquina demora mais um pouco o toque, sabe-se que toda a gente trabalhará, mas se por qualquer circunstância o 2.º toque é rápido, certo que ficam sem produzir, todos quantos não tiverem passado o degra da porta. Esta é imediatamente fechada. E é tal a rapidez no cumprimento da ordem que já se tem dado casos de operários ficarem entalados na porta. Para se saber bem se eles deveriam entrar ou não, seria necessário medir-se a parte do corpo entrado era maior do que o restante... Isto realmente é caricato, mas não deixa de ser um absurdo.

O pessoal até já classifica os fogueiros, conforme a demora no apito... Há então o terceiro silvo, 5 minutos antes de pegar ao trabalho, 3.º tempo, que é como na esgrima militar, arma cruzada para iniciar o ataque. Nas oficinas da C. P. devem todos os operários a este toque, estarem junto das respectivas bancadas, com a mão na respectiva ferramenta, para, ao 4.º apito, pegarem imediata e irrevogavelmente... ao trabalho.

Os operários são portanto prejudicados em 20 minutos, 10 de manhã e 10 à hora da refeição.

Se alguém por descuido ou esquecimento, deixa de pôr, à saída, a chapa na chapeira, até 10 minutos depois do meio dia, é castigado com 4 horas de trabalho não pago. Não sabemos de que mais nos admiramos: se da audácia dos engenheiros, se da atitude do pessoal.

Como a situação vexatória em que se encontra o pessoal das oficinas da C. P., terá, contudo, mais tarde ou mais cedo, que desaparecer, para dar lugar a um outro procedimento por parte da Companhia, continuaremos narrando factos até que o pessoal se resolva a agir. Conosco terão de contar sempre. Já que pegamos no assunto não o largaremos.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—A Comissão Administrativa convida todos os camaradas que o possam fazer, a passar pelo sindicato, hoje, às 14 horas, a fim de levarem manifestos convocatórios da assembleia de domingo para os distribuírem à classe.

S. U. da Construção Civil.—Secção de Canteiros e Polidores de Mármore.—Reuniu-se em assembleia geral, a fim de apreciar o despedimento dos canteiros nas obras do Manicócio. Decidiu-se, por último, oficialar ao conselho de secções, pedindo que este organismo nomeasse uma comissão que vá reclamar do ministro das finanças o prosseguimento da obra, fazendo suspender a ordem de despedimento, cuja execução viria agravar a crise de trabalho.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:
S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional de Pedreiros.—Pelas 21 horas, para tratar dum assunto urgente, respeitante à defesa profissional e horário de trabalho, a Comissão Administrativa, à qual, uma comissão de 5 associados dará conta duma missão importante.

Secção dos Serventes.—Pelas 20 e meia horas, a Comissão Administrativa.
Litógrafos e Anexos.—Pelas 19 horas a Comissão Administrativa, devendo, pela importância dos assuntos a tratar, comparecer não só todos os membros da comissão como todos os delegados de oficinas acompanhados dos verbetes para contas ou entrega de quaisquer quantias destinadas a camaradas desempregados.

Pessoal do Município.—Comissão de Melhoramentos.—Às 21 horas.

Pintores da Construção Naval.—Pelas 20 horas, a Direcção.

DIAS PROXIMOS:

Manufactureiros de Calçado.—Reune, amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, para apreciar um officio do Conselho Confederal, uma circular da C. G. T., um officio da C. S. T. e vários outros assuntos de interesse.

S. U. Metalúrgico.—Para um assunto inadiável, reúne, amanhã, pelas 20 e meia horas, a Comissão Administrativa.

Pessoal do Município.—Reúne, amanhã, pelas 21 horas, a assembleia magna da classe, para apreciar a situação da mesma.

Sindicato Mobiliário.—Terça-feira, próxima, pelas 21 horas, a assembleia geral.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura do relatório dos delegados ao Congresso; Apreciação da situação moral e financeira do Núcleo; Aumento de cotas; Nomeação de alguns cargos no Secretariado; Nomeação do delegado ao Conselho; Reabertura de cursos; Apreciação da situação de diversos camaradas; Diversas comunicações.

Secção de Belem.—Convoca todos os filiados desta secção a comparecerem na assembleia do Núcleo de Lisboa, devido a tratar-se de assuntos de grande importância para esta secção.

SINDICATOS DA PROVINCIA

União Ferro-viária.—No intuito de levantar o prestígio da organização sindical, a direcção desta colectividade, tem procurado desempenhar-se dessa missão a-fim-de estabelecer uma solidariedade indelutável entre todos os ferro-viários ao longo da linha, a qual